

## Quando as teorias itinerantes esbarram nas teorias do sul<sup>1</sup>

**Edgar César Nolasco**  
**UFMS - FAALC - NECC**  
**Brasil**

O pensar fronteiriço é uma maneira de ser e de existir de todos aqueles e aquelas que habitam o border, “/”, na fronteira que separa e une colonialidade e modernidade. Não há outra forma para quem habita o lado da colonialidade. Quem habita a fronteira do lado da colonialidade “sente”, cedo ou tarde, a diferença colonial. A questão é o que fazemos uma vez que estamos conscientes? Mignolo. “Entrevista” concedida por email à IHU On-Line. s/p.

Devemos sempre lembrar que a teoria jamais dirá o ser do homem, e isso pela simples razão de a teoria ser um sintoma do homem e, como toda criação humana, ela traz em si a “leveza da falsidade”. Pessanha. *Ignorância do sempre*, 105.

Se os pássaros migram para fora de seu lugar de acordo com as estações, para depois retornarem tangidos pelo desejo de retorno ao seu lugar de origem, diríamos que o mesmo não acontece com as “teorias itinerantes”, cujo destino entre outros é migrarem para o Sul. Tais teorias, acostumadas a uma longa tradição moderna e escolástica de repetição, fazem uma extensa viagem em direção à morada de suas anfitriãs as teorias do Sul (apesar de viajarem também para todas as direções), na tentativa, antes indiscutível e agora cada vez mais impossível, de reforçarem uma *exterioridade* criada pelo próprio poder discursivo da interioridade das teorias itinerantes. Cada vez mais, tais teorias esbarram, quer seja no meio da viagem ou no

---

<sup>1</sup> Este texto faz parte de um trabalho maior que venho escrevendo intitulado de “Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?”.

término desta, nas teorias do Sul que, por sua vez, estão se levantando contra a visada teórica e crítica que grassou no mundo por muito tempo, que mais se assemelha a uma eternidade. Em contrapartida, as teorias do Sul não hospedam, ou hospedam cada vez menos, as teorias vindas dos grandes centros, propondo, por conseguinte, um gesto transculturador que acaba por desalojar o poder totalizador do discurso crítico das teorias itinerantes.

Sobressaem aqui conceitos fundamentais acerca da discussão proposta e sobre os quais quero me deter no decorrer do ensaio mais adiante, como “hospitalidade”, “transculturação”, “teorias itinerantes” e “teorias fronteiriças” (teorias do Sul), por exemplo, mas antes, quero, a partir das epígrafes supracitadas, trazer para a discussão inicial a importância do “bios” e a questão do “sintoma”. Vejo uma aproximação e uma inter-relação fundamentais, para a discussão que proponho, entre o “lócus geoistórico”, de onde se erige uma crítica biográfica fronteiriça, e a teoria fronteiriça como um sintoma específico desse sujeito subalterno crítico atravessado pela condição de fronteiridade na qual se encontra ou pensa. Na epígrafe, Mignolo deixa claro que o “pensar fronteiriço” é a única condição de ser e de existir (e acrescentaria de pensar) de todos aqueles sujeitos que habitam a fronteira. Fronteira aqui como a barra (“/”) que separa e uni colonialidade e modernidade, interioridade e *exterioridade*, dentro e fora etc. A fronteira é a morada da diferença colonial e quem, por sua vez, habita a fronteira do lado da colonialidade (aqui o reino da *exterioridade*) sente o peso da diferença colonial (imposições coloniais, teóricas, discursivas e culturais). Também talvez como um sintoma, o bios fronteiriço do sujeito crítico faça toda a diferença na discussão teórica, já que sua consciência vem minada por uma condição de fronteiridade. O fato de o pensamento fronteiriço ser a única maneira de *ser, sentir, pensar e existir* do homem fronteiriço, e aqui penso no intelectual que se predispõe a pensar *a partir* desse lócus, corrobora o que lemos na segunda epígrafe de Pessanha “de a teoria ser um sintoma do homem”. Talvez seja pelo fato de a teoria ser um sintoma do homem que “pensar teoricamente é dom e competência de seres humanos”, como postula Mignolo,

“não apenas de seres humanos que vivam em um certo período, em certos locais geográficos do planeta e falem um pequeno número de línguas específicas.” De acordo com a teoria psicanalítica, cria-se um sintoma para barrar uma angústia; *o sintoma tem sempre um sentido e diz alguma coisa, mesmo quando o sujeito não saiba, e é sempre estruturado como uma linguagem, participando dela e de suas leis.* Mas o que mais me chamou a atenção a respeito do sintoma foi esta afirmação de Lacan: “o que a experiência analítica nos ensina em primeiro lugar é que o homem é marcado, é perturbado por tudo aquilo a que se chama sintoma \_ na medida em que o sintoma é aquilo que o liga aos seus desejos.” Pensando aqui na afirmação de Pessanha, de que a teoria é um sintoma do homem, e agora nesta de Lacan de que o sintoma liga o homem aos seus desejos, só me resta valer-me de uma passagem da autora do importante ensaio “O sintoma: de Freud a Lacan” para me aproximar como busco fazer aqui do sujeito teórico e seu lócus biográfico fronteiriço:

O que a descoberta freudiana nos ensina a ver nos sintomas, no tanto em que se ligam ao desejo, é sua relação com o destino. O que o sujeito busca é o que há para ser encontrado; e mais, se ele procura, é porque existe algo a ser encontrado. A única coisa a ser encontrada é, em última instância, o seu destino, marcado pela autonomia e prevalência da pulsão de morte. Dias. (*O sintoma*, 404).

A relação do homem fronteiriço com o seu destino, sua relação com seu lócus geostórico cultural e seu *bios* estruturam seu “corpopolítica” (Mignolo), sua consciência subalterna e preparam o terreno para o surgimento de uma epistemologia fronteiriça, cuja teoria advinda dessa produção de conhecimento traz a marca de um destino, de um sintoma e de um desejo oriundos a *partir de* um lugar específico na cultura. Em sendo a teoria um sintoma do homem, como vimos, podemos dizer que por meio dela o intelectual se satisfaz em parte de um desejo impossível. Sendo a fronteira um sintoma do homem fronteiriço e de seu discurso, seu sintoma, por sua vez, diz,

representa alguma coisa sobre a qual o sujeito nunca saberá. A fronteira-sintoma é o lugar biogeoistórico do sujeito fronteira por excelência e, por isso mesmo, é ali, a partir dali, que ele tem a sua *vivência* histórica e o seu sofrimento, humilhação, exclusão. Nesse sentido, não é por acaso que, de acordo com Lacan, o sintoma é definido como “o significante de um significado recalçado da consciência do sujeito.” Existe a verdade do discurso do sujeito excluído da *interioridade* (da *exterioridade*) dentro do fora da verdade instituída, mas é preciso uma outra lógica do discurso, uma outra razão epistemológica, para que ela seja escutada e representada, instituída. As “teorias itinerantes”, aqui perseguidas, barram o surgimento dessa verdade epistemológica (para não dizer teóricas) que resurge das margens ignoradas do sul.

Se a teoria é um sintoma do homem como vimos, assim como do corpo, do desejo, do lugar, do *bios* e da consciência desse sujeito pensante, logo, ao contornar o desenho imaginário de meu lócus fronteiroço, acabo por reconceitualizar fronteira-sul para mim mesmo, situo-me a partir de meu *bios* e me posiciono diante da discussão crítica que estou propondo. A fronteira-sul, enquanto um jardim de caminhos, de tempos e de espaços que se bifurcam, é uma imagem\paisagem biográfica inconclusa, incompleta e esboroadada, mas não inexistente do lócus e do *bios* do sujeito que a habita. Eu desejo percorrer esse caminho, por meio de minha reflexão epistemológica. Sinto-me (de sintoma) condenado, atravessado, a falar incansavelmente desse jardim de fronteiras que se reúne e se bifurca em seu corpo e no corpo daqueles que a habitam desde sempre. Habitar a fronteira não é uma escolha para o homem neste século 21; antes, é uma condição, ou o que o sobra. O mundo todo se desdobrou em e para as margens (não mais das fronteiras, que contradição!), tanto internas quanto externas. De modo que somos todos, em algum sentido, refugiados de nós mesmos. Podemos não sentir a dor do outro, nem ele a nossa. Mas podemos assistir a tudo e em tempo real. Nossos olhos se estatelam, ou fogem diante do que não querem ver. Nosso olhar contemporâneo também se bifurca diante das confusões de toda natureza que se nos apresentam, a cada dia mais. Por mais que pareça, a vida não é um conto policial. Já a

fronteira-sul, enquanto um jardim de caminhos que se bifurcam, deve ser entendida como o lugar possível para a articulação de uma epistemologia outra que, por conseguinte, emerge das margens e contamina todo o resto do globo.

Se a teoria aqui empregada é meu sintoma, a fronteira-sul é meu destino enquanto intelectual fronteiriço que pensa a partir desse lócus que compreende meu *bios* e a política de meu corpo. Uma gramática da descolonialidade está em construção no planeta, segundo Mignolo. Tal gramática, advinda da *exterioridade* ou das fronteiras, propõe uma epistemologia do conhecimento e do entendimento que defendem a geo e a corpopolítica, como forma de se contrapor à epistemologia moderna ocidental que, talvez desde Descartes, priorizou a teo e a egopolítica do conhecimento. O pensamento descolonial, ou fronteiriço como o prefiro aqui, contribui para uma guinada epistêmica que, como mostra Mignolo valendo-se do autor e do livro *Piel negra, máscaras blancas* (2009), resgata a importância do corpo na discussão, privilegiando, assim, o “ser donde se piensa” que se contrapõe ao “saber que se existe porque se piensa” do *penso, logo existo* cartesiano. A corpopolítica apresentada em *Pele negra, máscaras brancas* ajuda a mostrar que o corpo simplesmente ficou de fora da discussão moderna ocidental, invisível, contribuindo, por conseguinte, para que o sujeito moderno (não o corpo) se inscrevesse como dominador do conhecimento e, por extensão, dos demais sujeitos (corpos não inscritos), reforçando, assim, o processo de *racializar* e *patriarcalizar* todo o resto. Nesse raciocínio, vemos que muitas biografias modernas poderiam ser refeitas, já que o *bios*, o corpopolítica ficou de fora da discussão. Mignolo conclui que “la corpopolítica del conocimiento es, por ejemplo, fundamental en todo proyecto descolonial.” Afirma que Fanon “inscribe el cuerpo negro la disputa epistemológica dominada por el cuerpo blanco cuyos guardaespaldas son la teopolítica y la egopolítica del conocimiento.” Enfim, quando levamos em conta na discussão teórica e crítica tanto a corpopolítica (homem fronteiriço, “bugres”, indígenas, brasiguaios, paraguaios, bolivianos, pantaneiros, entre outros), quanto a geopolítica (a fronteira-sul, por exemplo), contribuimos para uma guinada epistemológica fronteiriça e, o mais importante,

podemos pensar e conceitualizar uma *consciência fronteira* específica do lócus em questão.

Abro um parêntese aqui em meu texto para, antes de dar continuidade acerca de minha discussão inicial sobre as “teorias itinerantes”, pontuar sobre a produção intelectual que vimos propondo desde 2009 na fronteira, por meio da instituição da qual faço parte (UFMS). Refiro-me ao periódico *Cadernos de Estudos Culturais* que, desde a criação do “NECC: Núcleo de Estudos Culturais Comparados” (2009), vem mantendo um diálogo intelectual críticos entre pesquisadores locais, nacionais e internacionais. Somado a isso, entre os vários temas já contemplados pelos *Cadernos*, na condição de professor pesquisador tenho me interessado particularmente sobre os temas concernentes a “fronteira-sul” e “cultura fronteira”. Detenho-me nesse parêntese para pontuar que se agora me volto para uma discussão mais abalizada sobre as “teorias itinerantes” é porque, de alguma forma, fomos construindo um campo de ação crítica que nos permite mostrar as implicações danosas que as “teorias itinerantes” tão costumeiramente hospedadas por essa zona de fronteira, sobretudo e principalmente por meio do discurso acadêmico, tem causado, especificamente quando se propõe uma epistemologia crítica fronteira a partir desse lócus em questão.<sup>2</sup>

Na sequência, quero me voltar para meu lócus fronteira, tendo como ilustração para a discussão os “Bugrinhos” esculpidos pela artista indígena Conceição dos Bugres e como objetivo tão somente o de destacar alguns dos textos de intelectuais mais relevantes publicados em nossos *Cadernos de Estudos Culturais*. E o faço para mostrar que conseguimos arrolar, durante quase uma década, material crítico suficiente que nos permite, agora, inverter a lógica cega das “teorias itinerantes” que, mesmo em pleno século 21, continuam a fazer ouvidos moucos diante das epistemologias fronteiriças anfitriãs, como se estas não soubessem da existência da “diferença colonial”.

---

<sup>2</sup> Como primeiro resultado de discussão crítica que estamos fazendo por meio do NECC, merece destaque o livro *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, de 2013. A publicação é resultado de uma série de debates propostos no PACC: Programa Avançado de Cultura Contemporânea \UFRJ, durante meu estágio pós-doutoral em Estudos Culturais ali realizados em 2012.

## HABITAR A FRONTEIRA-SUL: por uma epistemologia fronteiriça

Perseguindo os “Bugrinhos” esculpidos pela artista popular e indígena Conceição dos Bugres, volto-me para uma discussão crítico-conceitual do lócus geostórico do espaço territorial fronteiriço do estado de Mato Grosso do Sul que compreende os limites com os países Bolívia e Paraguai, privilegiando, especificamente, a forma como as *especificidades culturais* transculturam-se ou não no lugar, contribuindo para o desenho de uma “identidade em política” (Mignolo) da cultura local da fronteira-Sul. Para melhor aferir e pontuar a condição na qual se encontra a cultura subalterna da zona de fronteira, privilegio a produção escultórica da artista como forma de, assim, mapear a representação do sujeito ameríndio e fronteiriço da região da tríplice fronteira (Brasil\Paraguai\Bolívia).

Sem desconsiderar que há uma produção artístico-cultural vasta e diversificada na zona de fronteira, como a literatura, a música, a pintura, a escultura, entre outras — bem como um atravessamento de línguas como a guarani e o portunhol, assim como uma variedade de sujeitos, como os brasiguaios, os “bugres” da fronteira, os indígenas, os sem terras, além dos bolivianos, dos paraguaios e dos próprios sul-mato-grossenses, tal escolha recai no fato de se tratar de uma produção artística de cunho subalterno (fronteiriço), já que a artista-escultora é uma indígena, e que, por conseguinte, ilustra um lado sombrio da não-representação dos povos ameríndios que vivem como *os condenados da terra* (Fanon) da zona de fronteira. Por extensão, a condição de segregados e ignorados pelo poder do Estado dos homens-fronteiras, como os brasiguaios, os sem-terras e os próprios indígenas, corrobora a epistemologia *fronteriza* advinda do lócus e que norteia a discussão crítica aqui proposta.

Em âmbito nacional, a realidade acerca dos povos indígenas continua a se apresentar de forma problemática, para não dizer belicosa, especificamente quando o assunto é terra, aliás, lugar e condição de *sobrevivência* para os povos ameríndios do Brasil e do planeta. Em se tratando do lócus geostórico e cultural da fronteira-Sul aqui

em destaque, a realidade da vida dos homens da fronteira, incluindo o povo indígena, apresenta-se de forma mais cruel ainda, posto que a discórdia por terra entre os latifundiários do lugar e os sem terras em geral tem levado a um verdadeiro genocídio (e “epistemicídio”) sem precedentes na história da fronteira. Todavia, contrapõe-se a esse lado de uma realidade sombria e triste, uma vontade acadêmica de propor melhores condições de vida a esse sujeito vilipendiado pelo poder do Estado, do mando e do desmando que grassa na região. Entre tais mudanças reais propostas pelo discurso acadêmico e disciplinar da região, merecem destaque os cursos de graduação que universidades da região vêm oferecendo especificamente para cidadãos indígenas, bem como projetos de pesquisas vinculados a Programas de Pós-Graduação. Registre-se que há uma produção intelectual significativa acerca da problemática dos povos indígenas na região de fronteira-sul que, a seu modo, vem arrolando e tornando do conhecimento de todas as verdadeiras condições de vida dos povos indígenas e fronteiriços na região.

Entre as várias atividades acadêmicas que desenvolvo na UFMS, merece destaque, como já disse, a criação do “Núcleo de Estudos Culturais Comparados – NECC” (PPGMEL) em 2009, visando, inicialmente, atender às pesquisas que oriento tanto em nível de Graduação quanto de Pós-Graduação. Como desdobramento do NECC, surgiu no mesmo ano a publicação semestral do periódico *Cadernos de Estudos Culturais* que, tematicamente, vêm sendo publicados desde então<sup>3</sup>. Por meio de tal publicação, estabelecemos um diálogo crítico significativo com intelectuais de diversas partes do mundo que acabou por nos propiciar uma reverificação crítica da epistemologia acadêmica preponderante nas universidades públicas periféricas e

---

<sup>3</sup> Até o momento, os CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS contemplam as seguintes temáticas: 1º volume: *Estudos culturais* (abril de 2009); 2º volume: *Literatura comparada hoje* (setembro de 2009); 3º volume: *Crítica contemporânea* (abril de 2010); 4º volume: *Crítica biográfica* (setembro de 2010); 5º volume: *Subalternidade* (abril de 2011); 6º volume: *Cultura local* (dezembro de 2011); 7º volume: *Fronteiras culturais* (abril de 2012); 8º *Eixos periféricos* (dezembro de 2012); 9º *Pós-Colonialidade* (Abril de 2013); 10º volume: *Memória cultural* (dezembro de 2013); 11º *Silviano Santiago: uma homenagem* (jan.\jun. 2014); 12º volume: *Eneida Maria de Souza: uma homenagem* (jul.\dez. de 2014); 13º volume: *Povos indígenas* (jan.\jun. de 2015); e 14º volume: *Brasil\Paraguai\Bolívia* (jul\dez. de 2015)

fronteiriças como a UFMS onde trabalho. Do primeiro volume, publicado em 2009 e cuja temática era *Estudos culturais*, merece destaque a abordagem feita de pelo menos dois intelectuais brasileiros: Silviano Santiago e Eneida Maria de Souza. O ensaio de Silviano, intitulado “Destino: globalização. Atalho: nacionalismo. Recurso: cordialidade”, discutia acerca dos três conceitos presentes no título, com base numa leitura crítica de ordem comparatista e cultural que muito nos ajudaria depois a pensar de forma mais abalizada a realidade cultural da fronteira-Sul do Centro-Oeste brasileiro, onde as desavenças por terra, por exemplo, apresentam-se, cada vez mais, sérias e perigosas. Já o ensaio de Eneida, “Babel multiculturalista”, com sua abordagem pós-moderna e também culturalista, veio contribuir para que, no âmbito de nosso Núcleo de estudos, tivéssemos mais condições críticas de julgar a realidade da fronteira híbrida e transcultural que caracteriza a fronteira dessa zona do país. Já do segundo volume, com a temática *Literatura comparada hoje*, destaco o ensaio “A emergência da cultura e da crítica cultural”, de Eneida Leal Cunha, e “la literatura en un campo expansivo: y la indisciplina del comparatismo”, de Florência Garramuño”. Do ensaio de Eneida, ressalto a discussão acerca da importância da crítica cultural para uma compreensão mais coerente de um locus fronteiriço como o que me situa e situa a universidade pública de onde proponho o debate crítico em questão. Também merece destaque a abordagem culturalista que Eneida faz acerca da relação entre a Literatura Comparada e os Estudos Culturais. Tal aproximação apresenta-se como fundamental para as discussões que propomos por meio de nossos projetos, como já sinaliza o próprio nome de nosso Grupo de Pesquisa: “Núcleo de Estudos Culturais Comparados”. Quanto ao ensaio da crítica argentina, pontuamos a visada comparatista defendida pela autora e o caráter indisciplinado da disciplina. O conhecimento de tal papel e função dos estudos comparados discutidos por todo o ensaio apresentam-se como necessários para uma crítica que se articula de uma zona de fronteira como a nossa, pois que visa, desde a origem, a dialogar com as demais teorias vindas dos centros do país e de fora. (Veja bem: dialogar criticamente de igual para igual, e não receber passivamente as belas

“teorias itinerantes” que insistem em migrar para o Sul.) Do terceiro volume, *Crítica contemporânea*, merece sublinhar os textos: “Charting the labyrinth: país de mentiras de Sara Sefchovich, de David William Foster; “Crítica literária e valor estético”, de Idelber Avelar; e “teorias del Caribe: outra lectura em torno a Antonio Benitez Rojo y Édouard Glissant”, de Román de La Campa. Por meio de uma abordagem literária, o crítico Foster faz uma discussão crítica cultural sobre a América Latina que acaba nos ajudando a pensar conceitos caros na atualidade como o de ‘fronteira’. O crítico brasileiro Idelber propõe uma justa discussão acerca do “valor literário” e, com isso, ajuda-nos a pensar acerca de outros valores que gravitam em torno, ou no centro mesmo das reflexões contemporâneas. Nessa direção especificamente, a discussão de Idelber ajudou-nos a ver que quando se trata de uma zona de fronteira, a possibilidade de que haja outras epistemologias torna-se condição *sine qua non*. O ensaio de La Campa, por sua vez, trouxe para o debate a importância do pensamento de Glissant, mostrando-nos, entre outras questões, o quanto a reflexão de Glissant encampa a realidade do lócus fronteiro aqui destacado. Do quarto volume, *Crítica biográfica*, chamamos a atenção para os ensaios de Ana Cláudia Viegas, Betty Bernardo Fuks e Maria José R. F. Coracini. No ensaio “Com a palavra o autor – exercícios de crítica biográfica na contemporaneidade”, Ana Cláudia traz para o cenário atual a discussão acerca do *bios* que contribui para a crítica periférica e fronteira deter-se nos *loci* específicos dos lugares marginais como o da fronteira-Sul aqui em destaque. Já o ensaio “Escrita, tradução e Psicanálise”, de Fuks, contribuiu para pensarmos na questão da subjetividade do sujeito nos dias atuais e no processo tradutório como um prática cultural específica da zona de fronteira. Na mesma direção, o ensaio “A memória em Derrida”, de Coracini, foi fundamental para pensarmos em uma epistemologia de uma memória subalterna da fronteira. Do quinto volume, *Subalternidade*, destaco os ensaios de Alberto Moreiras, David Arnold, Dipesh Chakrabarty, Gayatri Chakravorty Spivak, Ileana Rodriguez, John Beverley, Tracy Devine Gusmán e Walter d. Mignolo. Do ensaio de Moreiras, “Cujusdam Nigri & Scabiosi Brasiliani: las malas visitas. Ranciere

y Derrida”, foi de suma importância para as discussões que estamos fazendo o conceito de “político” nos dias atuais, sobretudo. Arnold, com o ensaio “Technology and the new subalternity”, arrola uma comparação entre os avanços tecnológicos e os aportes da subalternidade, visando pontuar os entraves de tal aproximação. E foi exatamente por isso que o ensaio do crítico nos ajuda, uma vez que quando chamamos a atenção para a importância de se pensar do lócus fronteiriço, a questão da globalização entra em cena. Já o ensaio de Spivak vem contribuir para elucidar uma problemática conceitual: em que medida os conceitos, como o de “político”, pensado no oriente, serve para ser pensado na fronteira-Sul, por exemplo. Na mesma direção, contribuiu o ensaio de Rodriguez, “Estado colonial\Estado nacional, quando tivemos que pensar a questão conceitual de “dependência cultural” tão forte no Brasil e em toda a América Latina. Em “The subaltern and the state”, Beverley ajudou-nos a refletir acerca de como o estado encara a problemática da subalternidade que gravita em torno da vida dos sujeitos marginalizados da fronteira-Sul. Gusmán, por sua vez, em “Subalternidade hegemônica” enriqueceu nossas discussões críticas pelo fato de trazer para a sua discussão o “antropologizador” brasileiro Darcy Ribeiro que, a seu modo, tratou do lado obscuro da subalternidade dentro do país. Mignolo, em “Who speaks for the ‘human’ in Human Rights?”, veio reforçar o que já defendia em suas discussões anteriores, como o livro *Histórias locais\Projetos Globais*. Nesse sentido, toda a discussão acerca do pós-ocidentalismo proposta pelo crítico argentino tem fundamentado nossos projetos acadêmicos como um todo. Do sexto Volume, *Cultura local*, chamo a atenção para os ensaios de Gilberto Mendonça Teles, Qadri Ismail e Thomas Bonnici. O ensaio de Teles, “O lu(g)ar dos sertões”, veio pontuar na reflexão que propomos da fronteira a importância da conceituação de lugar para a delimitação do nosso lócus fronteiriço. Apesar de Teles ter como parâmetro a literatura brasileira, nada nos impede de nos valer de sua reflexão para pensarmos de forma mais crítica a zona de fronteira na qual se centra nosso objeto de discussão crítica. Do ensaio de Ismail, “Imagination after poscoloniality”, sobressai a reflexão acerca do imaginário crítico atravessado pelo

pensamento pós-colonial. Como nosso aporte teórico-metodológico, cada vez mais, centra-se numa visada *Crítica biográfica fronteiriça*, toda a reflexão do crítico tem nos ajudado na sistematização das discussões que vimos propondo, como esta de agora. Bonnici, com "Literatura negra e o seu contexto britânico", endossa a necessidade e importância da contextualização acerca do recorte epistemológico para a realização de uma reflexão crítica de base pós-colonial. Nesse sentido, como nos voltamos para a zona de fronteira-Sul, visando contornar a cultura ameríndia especificamente, a reflexão de Bonnici é sumamente importante. Do sétimo volume, *Fronteiras culturais*, merecem destaque os trabalhos de Anna Maria Guash e Ligia Chiappini. Em "Nuevos episodios en la definición de la identidad", Guash propõe uma reflexão consistente acerca do conceito de identidade nos dias atuais. Como sua discussão transita entre o global e o local, sua reflexão ajuda-nos a pensar em nosso lócus fronteiriço, bem como nas produções culturais desse lócus em estudo. Já Chiappini, em "Mercosul cultural e fronteiras", traz uma radiografia crítica consistente do lócus da fronteira que se faz presente na discussão que também propomos aqui. Do oitavo volume, *Eixos periféricos*, os trabalhos de Heloisa Buarque de Holanda, Ilana Strozenberg, Leonor Arfuch e Liv Sovik endossam as preocupações críticas que se fazem presentes em nossos estudos atuais. Com o ensaio "A política hip hop nas favelas brasileira", Heloisa prepara o terreno para pensarmos com mais justeza crítica o lócus por nos perseguido. Ilana, em "jogo de identidades entre jovens negros no Rio de Janeiro", leva-nos a pensar de forma mais sistematizada acerca da constituição identitária dos povos fronteiriços, como o ameríndio. Arfuch, em "Arte em la frontera", propõe uma reflexão sobre a conceituação de uma arte específica de uma zona de fronteira, como é o caso do lócus aqui priorizado. Desse modo, quando nos detemos numa cultura ameríndia sobressai, por extensão, sua respectiva produção cultural, a exemplo da produção artística da indígena Conceição dos Bugres. Além do debate proposto por Arfuch, merece pontuar que sua reflexão acerca do *bios* enriquece, sobremaneira, o que intentamos fazer por meio da reflexão crítica que estamos propondo. Do nono volume, *Pós-colonialidade*, os textos

de Gayatri C. Spivak, Hugo Achugar, Román de La Campa e Zulma Palermo são fundamentais para justificar todo nosso recorte epistemológico. Spivak, em “Righting Wrong”, apresenta toda uma discussão acerca dos estudos pós-coloniais e sua relação com as humanidades na contemporaneidade. Em “Sobre relatos, memórias, olvidas y orejas”, Achugar detém-se em uma memória latina, visando pontuar sua importância para as reflexões críticas hoje. Sua discussão ajuda-nos a compreender melhor uma possível memória subalterna que se inscreve nas produções culturais da fronteira. La Campa, em “sensibilidad poscolonial”, avança a discussão acerca da pós-colonialidade e, ao fazer isso, permite que possamos aproximar a reflexão pós-colonial da crítica biográfica, ambas as abordagens são fundamentais para a discussão crítica que defendemos. Daí, inclusive, termos criado a rubrica “Crítica Biográfica fronteiriça”. Palermo, por sua vez, com o texto “desobediência epistémica”, ao reler o conceito de Walter Mignolo, esclarece-nos acerca da importância de sabermos teimar com relação às *teorias migradas* dos centros para as fronteiras. Do décimo volume, *Memória cultural*, destacamos o trabalho de Gonzalo Leiva Quijada, José Carlos Salinas e Wilma Martins de Mendonça. Em “Memória cultural fundacional de la dictadura militar em Chile”, Quijada corrobora nossa discussão acerca de uma memória outra que se inscreve e se diz na fronteira por meio de suas produções culturais. Salinas, em “Memoria cultural andina en el canto quéchua peruano del siglo XX”, também reforça a existência de uma memória outra que deve ser resgatada e estudada nas universidades. Mendonça, em “Discursos de discórdia”, traz a problematização da temática colonialista inscrita nas produções culturais brasileiras. Do décimo primeiro Volume, *Silviano Santiago: um homenagem*, destaco o ensaio de Eneida Maria de Souza, Florência Garramuño e Heloisa Toller Gomes. Em “Santiago, um dos leitores de Derrida”, Souza faz uma releitura da crítica pós-colonialista tradutória do crítico brasileiro Silviano Santiago. Sua discussão ajuda-nos a fazer uma releitura conceitual e crítica dos conceitos migrados para a zona de fronteira. Garramuño, em “El sentimiento del mundo de Silviano Santiago”, pontua a importância do crítico no contexto brasileiro e latino, visando

destacar sua contribuição para a crítica desse lócus. Toller Gomes, com “Entre o presente e o inadiável”, acentua a importância do pensamento do crítico brasileiro desde a década de 70, passando pela relevância que o mesmo teve no modo ímpar de ler a cultura brasileira. Do décimo segundo Volume, *Eneida Maria de Souza: uma homenagem*, chamo atenção para os ensaios de Leonor Arfuch, Marcos Antônio Bessa-Oliveira e o de Silviano Santiago. Em “La osadía de la crítica o la aventura del descubrimiento”, Arfuch, ao mostrar a importância da crítica biográfica proposta pela crítica brasileira, também contribui com o referido aparato teórico que nos permite pensar ainda melhor o lócus geoistórico fronteiro aqui priorizado. Bessa-Oliveira, com “A natureza compósita da crítica biográfica: Eneida Maria de Souza”, avança os próprios postulados da referida discussão teórica proposta por Eneida, contribuindo, por conseguinte, com a discussão em torno da crítica biográfica e fronteira. Em “O sistema de Pós-Graduação norte-americano e a tradição francesa”, Silviano, ao se deter no livro *Crítica Cult* (2002), acaba também propondo uma visada crítica diferenciada da própria crítica brasileira e, com isso, nos permite também retomar a referida crítica por um viés ainda pouco explorado no país. Do décimo terceiro Volume, *Povos indígenas*, destaco os ensaios de Luiz Henrique Eloy-Amado, “Terra indígena e legislação indigenista no Brasil”, e de Vânia Maria Lescano Guerra, “As agruras do movimento identitário indígena Guarani Kaiowá”. Luiz Henrique, advogado e terena, traz a problematização acerca da terra para o indígena e a questão da Lei nos dias atuais. Já Vânia, problematiza sobre o processo de construção da identidade dos indígenas da etnia guarani kaiowá. Ambos os ensaios, por terem como pano de fundo da discussão o lócus geoistórico da fronteira-sul, nos permite avançar sobre a discussão fronteira e indígena do local. Do décimo quarto Volume, *Brasil\Paraguai\Bolívia*, destaco os textos de Marcos Antônio Bessa-Oliveira & Marina Maura de Oliveira Noronha, “O mundo a a partir de *fronteras* do fim do mundo – Brasil\Paraguai\Bolívia – teoria da arte descolonial”, e o de Tito Carlos Machado de Oliveira, “Uma fronteira nas malhas da rebeldia e da criatividade”. O primeiro ensaio, além de nos fornecer base teórica para

alargar nossa discussão local sobre a conceituação de fronteira, também nos ajuda a pensar o referido conceito tendo por base a teoria descolonial. Já o ensaio de Tito Carlos vem nos contribuir com a problematização sobre a conceituação de fronteira, bem como a presença de outros conceitos, como o de globalização. Os dois ensaios corroboram a discussão que estamos propondo a partir dos estudos realizados dentro do espaço acadêmico do NECC\UFMS.

Por mais extenso que possa parecer, não é demais reiterar que os autores e textos publicados nos *Cadernos de Estudos Culturais*, e aqui arrolados acima, entre muito outros, ilustram o quanto vimos dialogando, no espaço da academia (NECC\UFMS) pelo menos desde 2009, acerca de uma temática importante para a discussão crítica contemporânea que é a de fronteira-sul. Como já dito, os ensaios arrolados embasam a discussão crítica que estamos fazendo sob a rubrica de “Crítica Biográfica Fronteiriça”, dando aqui especial atenção a uma discussão que contempla a presença das “teorias itinerantes” que costumeiramente migram dos centros para as margens, como se este lugar fronteiriço também não produzisse teorias, mesmo que às vezes indisciplinas, ou seja, *sem disciplinas*.

Por fim, fecho o parêntese, muito antes aberto, convocando as “teorias itinerantes” para que se façam presentes no próximo desdobramento deste ensaio, cujo título aqui apenas às enuncia.

© **Edgar César Nolasco**

**Referências:**

- Bhabha, Homi K. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- Borges, Jorge Luis. *Ficções*. Trad. de Carlos Nejar. São Paulo: Globo, 1989.
- . *O Aleph*. Trad. de Flávio José Cardozo. Porto Alegre: Globo, 1982.
- Darwich, Mahmud. *A terra nos é estreita e outros poemas*. Trad. do árabe e análise de Paulo Daniel Farah. São Paulo: Edições Bibliaspa, 2012.
- Dias, Maria das Graças Leite Vilela. O sintoma: de Freud a Lacan. In: Revista *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 11, n. 2, p. 399-405, MAI./AGO. 2006
- Fanon, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. de Enilce Alberfaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- Farah, Paulo Daniel. Poesia palestina em tradução, p.7-11; O poeta Mahmud Darwich e sua obra, p. 13-55. In: DARWICH, Mahmud. *A terra nos é estreita e outros poemas*. Trad. do árabe e análise de Paulo Daniel Farah. São Paulo: Edições Bibliaspa, 2012.
- Mignolo, Walter. *Histórias locais\Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- . *El vuelco de la razón: diferencia colonial y pensamiento fronterizo*. Buenos Aires: Del Signo, 2011. (Colección Razón Política)
- . *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad: lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Del Signo, 2010. (Colección Razón Política)
- Nolasco, Edgar César. *Babelocal: lugares das miúdas culturas*. Campo Grande: Life Editora, 2010.
- Pessanha, Juliano Garcia. *Ignorância do sempre*. São Paulo: Ateliê Editoria, 2000.
- Said, Edward. Israel está mais segura?, p. 6-11. In: Revista de Cultura *Márgens\Márgenes*. Belo Horizonte, Buenos Aires, Mar del Prata, Salvador, n. 1, julho 2002.